

O falante, o linguista e uma antropologia na linguagem: uma homenagem ao Professor Valdir do Nascimento Flores

"O linguista nunca pode deixar de ser um linguista geral": entrevista com o professor Valdir do Nascimento Flores

"A linguist can never stop being a general linguist":
interview with Professor Valdir do Nascimento Flores

Gabriela Barboza

Universidade Federal do Rio Grande

Sara Luiza Hoff

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Silvana Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Entrevistado

Valdir do Nascimento Flores é professor titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS. Foi professor convidado na École Normale Supérieure, em Paris (França), onde ministrou um curso sobre a recepção de Benveniste no Brasil. Ministrou aulas na Université de Paris III, como professor convidado. É professor/orientador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Coordenou a elaboração do *Dicionário de linguística da enunciação*. Coordenou a tradução brasileira das Últimas aulas no Collège de France, de Émile Benveniste (Editora UNESP).

Os temas de suas pesquisas se circunscrevem a três campos: aspectos epistemológicos da linguística (Ferdinand de Saussure; Roman Jakobson, Émile Benveniste, Jean-Claude Milner, entre outros), linguística da enunciação (Émile Benveniste, Henri Meschonnic, Antoine Culioli, entre outros) e estudos sobre tradução. Nos últimos anos, suas pesquisas (apoiadas pelo CNPq) têm buscado desenvolver uma perspectiva antropológica de abordagem enunciativa.

Entrevistadoras

Gabriela Barboza é professora adjunta na área de Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Docente e orientadora de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição. É graduada em Letras - Português pela Universidade Federal de Santa Maria (2010), em Letras - Espanhol pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012), tem mestrado e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013, 2018). Suas principais áreas de interesse, na área de linguística, são: teoria da linguagem de Émile Benveniste, linguística da enunciação, epistemologia da linguística, leitura e produção de gêneros acadêmicos e letramentos digitais.

Sara Luiza Hoff possui doutorado e mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2023; 2018). Também é graduada no curso de Bacharelado em Letras com ênfase nas línguas portuguesa e inglesa da mesma universidade (2016), tendo obtido láurea acadêmica. Possui graduação anterior em Administração pela Universidade Feevale (2005). Se interessa principalmente pela pesquisa dos seguintes temas: teoria da linguagem de Émile Benveniste; linguística da enunciação; epistemologia da linguística; tradução. Atualmente, atua como tradutora.

Silvana Silva é professora adjunta de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da UFRGS. Docente e orientadora em nível de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. Tem pós-doutorado em Estudos Retóricos e Enunciativos pela Universidade de Liège, Bélgica (2021-2023). Atua em disciplinas de Produção Textual para diversos cursos desde 2005. Foi coordenadora da Comissão de Pesquisa do Instituto de Letras (2019 a 2021). Pesquisa os seguintes temas: teoria da enunciação de Émile Benveniste; epistemologia da linguística; educação linguística; enunciação e sociedade, produção de textos.

1. No artigo “Saussure-Benveniste”, Claudine Normand (2006, p. 15) afirma que “Benveniste encontrou Saussure naquilo que ele pôde conhecer de seus escritos”. A linguista avalia que tanto Saussure como Benveniste se “impuseram e continuam se impondo ainda hoje” (Normand, 2006, p. 15) como presenças a toda e qualquer pessoa que se interesse pela linguagem. Na esteira da reflexão de Normand, gostaríamos de saber como foi o seu encontro com a linguística e com esses autores. Como eles marcaram a sua trajetória acadêmica? Como se constituiu sua trajetória até chegar às pesquisas que você desenvolve atualmente?

Para começar a responder essa pergunta, eu preciso explicitar duas escolhas que nortearam (e norteiam) minha formação e minha atuação como linguista e professor: a primeira é o apreço pela reflexão epistemológica; a segunda é o apreço pelo falante, o qual chamo de “não ideal” para, com isso, destacar o fato de que se trata do falante mesmo, aquele que é como eu ou vocês, que

interage com o seu semelhante, que não é apenas uma construção teórica. Essas escolhas sempre definiram tudo!

Desde que comecei a dar aula de linguística, minha questão foi sempre a mesma: o que dizer para os alunos sobre a linguagem que não se limitasse a meros conceitos ou técnicas? Minha questão fundadora, como se vê, é sobre a relação do linguista com a linguagem e com as línguas, portanto, de natureza epistemológica. Sobre isso tenho muitas dúvidas até hoje.

Talvez por isso eu sempre tenha feito um esforço para colocar a linguística em relação com outros campos do saber (psicanálise, fonoaudiologia, antropologia, filosofia, entre outros). Talvez por isso, eu tenha tantos interesses dentro do campo da linguística (linguística da enunciação, aquisição da linguagem, descrição do português, tradução etc.). Nesse confronto de limites, minha esperança foi manter a linguística – ao menos a linguística que eu queria fazer – distante do isolamento epistemológico e institucional.

Parece-me óbvio, hoje em dia, então, que eu tenha buscado apoio em três autores: Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Roman Jakobson.

Ora, o fazer do linguista sempre foi um ponto de interrogação para Saussure. Ele se manifesta, por exemplo, sobre isso, na famosa carta de 4 de janeiro de 1894, que escreve a Antoine Meillet, na qual fala na dificuldade de mostrar ao linguista o seu ofício. Benveniste conhece essa carta. Minha hipótese é que Benveniste é quem melhor compreende, na linguística pós-saussuriana, o alcance das indicações dadas por Saussure sobre o fazer do linguista. Uma versão mais radical dessa hipótese poderia receber a seguinte formulação: Benveniste é o linguista que Saussure sonhou para a linguística. E Jakobson? Sem dúvida, sua obra é fonte de inspiração para todo o meu trabalho, em especial pela abertura que faz da linguística a outros campos do conhecimento. Saussure, Benveniste e Jakobson são os apoios que tive para fazer as escolhas que fiz.

Os trabalhos acadêmicos que escrevi – dissertação e tese e mesmo relatórios de pós-doutorado – são todos muito fortemente constituídos pela reflexão epistemológica da linguística. Sou convencido de que o conhecimento das grandes linhas de pensamento e das relações que mantêm entre si é a base de um fazer que não desconhece a tradição, mas que também não se encerra nela.

Então, nessa mesma direção de procurar sedimentar uma discussão epistemológica no campo da linguística, gostaria de reivindicar alguma participação no movimento brasileiro de releitura das obras de Ferdinand de Saussure, de Émile Benveniste e de Roman Jakobson (este em menor escala, é verdade!). E é nessa mesma perspectiva que creio ter trazido alguma contribuição para a configuração disciplinar da linguística no Brasil: a proposição de uma “linguística da enunciação” (no singular), constituída por “teorias da enunciação” (no plural), cujos fundamentos epistemológicos são comuns. É dessa época a publicação, em coautoria com a saudosa Marlene Teixeira, do livro *Introdução à linguística da enunciação* (Ed. Contexto, 2009). A repercussão que esse pequeno livro teve atestou a falta que havia na área de material de natureza didática. A publicação do *Dicionário de linguística da enunciação*, anos mais tarde, é, para mim, o ponto alto do processo de disciplinarização do campo no Brasil.

Estreitamente articulado à visada epistemológica da linguística está o meu trabalho ligado

à linguagem em contextos clínicos. Na minha trajetória, contou muito a psicanálise lacaniana e, por esse viés, o trabalho com a clínica dos distúrbios de linguagem. Durante muitos anos estudei psicose; depois, dediquei-me aos distúrbios de linguagem e à fonoaudiologia.

O que o estudo da linguagem em interface com a psicanálise e em contexto clínico me fez ver, na verdade, é que os estudos linguísticos *stricto sensu* podem ser renovados sempre que se abrem ao acolhimento do diferente (no caso, da fala de um falante que insisto em chamar de “não ideal”); além disso, me fez ver que o linguista pode ter alguma intervenção social, através de um trabalho de subsídio teórico, aplicado a uma realidade que não aquela tradicionalmente presente na linguística.

Por último, não posso deixar de dizer que, nos últimos quinze anos, descobri o fenômeno tradutório (como prática e como teoria); e isso foi definitivo em minha vida, o que operou um deslocamento total. Pela tradução, descobri Humboldt, Meschonnic, Steiner, Berman, Sontag e, por esses, redescobri Saussure, Jakobson e Benveniste. Cheguei – quase que naturalmente – a uma visada antropológica da enunciação.

Hoje em dia, é isso que busco construir: uma antropologia da enunciação, uma perspectiva que coloca o falante no centro dos estudos da linguagem e que vê na capacidade loquens do homem a fonte de um saber de natureza linguística sobre esse homem. Mais uma vez, a epistemologia, a linguística e o falante.

2. Nas primeiras páginas da Apresentação de seu livro Problemas gerais de linguística, você menciona o linguista Claude Hagège e sua questão “Qual lugar cabe à linguagem na definição de homem?” (Hagège, 1985, p. 8 apud Flores, 2019, p. 17). A nossa pergunta é: qual o lugar de Hagège em sua reflexão pessoal e acadêmica sobre as teorias da enunciação? E qual o lugar desse autor em uma perspectiva antropológica da linguística, como anuncia o título da Apresentação do seu livro?

O contato com a teoria de Hagège é tardio na minha formação: data dos anos 1993-1994. Eu o conhecia por referências secundárias e, em especial, pela observação de François Dosse, no segundo volume de *História do estruturalismo*; segundo Dosse, Claude Hagège teria sido o sucessor de Benveniste no Collège de France.

Esse desconhecimento viria diminuir quando consegui adquirir um exemplar – inicialmente, em português, da prestigiada “Coleção Signos” da Edições 70 – de *L’homme de paroles* (na tradução lusitana, *O homem dialogal*); talvez um dos livros mais importantes de Hagège, cujo subtítulo, “Contribution linguistique aux sciences humaines” [Contribuição linguística para as ciências humanas], já acena para uma abordagem linguística que leva em conta o antropológico. Algum tempo depois, por volta dos anos 2000, tive a oportunidade de reler o livro, agora no original, e a ele somar a leitura de *La structure des langues* [A estrutura das línguas], no qual há um capítulo muito interessante e verdadeiramente inspirador, intitulado “Personne, société et langue” [Pessoa, sociedade e língua]; é dessa época também a leitura de *L’enfant aux deux langues* [A criança de duas línguas, na tradução lusitana] – esse bem menos interessante. A última obra que estudei de Hagège

foi seu *Petit dictionnaire amoureux des langues* [Pequeno dicionário amoroso das línguas], uma coleção de informações pouco técnicas sobre as línguas, que, algumas vezes, são bastante simples, mas verdadeiramente inspiradoras. Vale muito a pena lê-lo, principalmente pela quantidade de informações sobre as línguas que tem.

Por fim, entre os anos 2005-2006, dediquei-me a elaborar os verbetes da teoria de Hagège que integram o *Dicionário de linguística da enunciação*. Nesse tempo, reli tudo o que eu tinha do autor para escolher alguns termos de sua reflexão que fariam parte do dicionário, assim como para elaborar as definições que integrariam os verbetes.

Esse pequeno relato que faço é suficiente, acredito, para mostrar que não posso me considerar um especialista na obra desse autor, embora tenha dela algum conhecimento. Daquilo que conheço, o que mais me chama a atenção é o seu esforço para abrir a linguística aos campos vizinhos, em especial às ciências da sociedade e da cultura, com bastante atenção à diversidade das línguas. A sua linguística sócio-operativa é muito interessante, na medida em que toma o diálogo como uma espécie de unidade mínima sobre a qual o linguista pode exercer sua atividade descritiva e/ou explicativa.

No campo da enunciação, não se pode dizer que Hagège formula uma teoria propriamente enunciativa. Há noções em sua reflexão que são enunciativas. Em especial, Hagège formula uma que é fundamental: a de enunciador psicossocial. Quer dizer, o homem definido pelo uso que faz da linguagem, dando relevo à dimensão social, cultural e histórica desse enunciador. O enunciador psicossocial é, simultaneamente, locutor e alocutário; ele é constituído, simultaneamente, por uma natureza *psi* e *sócio*; ele se define por todos os usos que faz da linguagem em função das situações; ele enuncia a partir da dialética entre constrangimento e liberdade na sua relação com a(s) língua(s). Isso é bastante relevante para uma reflexão enunciativa.

A presença de Hagège na formulação das ideias iniciais da antropologia da enunciação diz respeito exatamente a esse ponto de sua reflexão. Quando ele indaga sobre o lugar que cabe à linguagem na definição de homem, ele coloca a linguística em posição de diálogo, de debate e mesmo de questionamento com relação a outros campos. E isso foi para mim suficiente para incluí-lo nas bases da antropologia da enunciação.

No entanto, é importante que se diga, eu faço acompanhar essa indagação de Hagège uma outra que é exatamente sua inversão: que lugar cabe ao homem na definição de linguagem? Quer dizer, nessa segunda indagação, vejo a possibilidade de resgatar a figura do falante (hoje em dia, tenho preferido falar em “ser falante”) para o domínio da linguística que, como se sabe, se esforça para alijá-lo de seu escopo. Dito de outro modo, que lugar o homem – como ser falante que é – tem na definição da linguagem, constituída que é pelas línguas?

É da conjugação dessas duas indagações que vejo surgir uma linguística como reflexão antropológica; uma linguística que contribui para dizer algo sobre a linguagem (e as línguas) no homem e sobre o homem na linguagem (e nas línguas); neste último caso, a inspiração é nitidamente benvenistiana.

3. Uma das suas últimas proposições teóricas é a noção de antropologia da enunciação, definida como uma “perspectiva que coloca o falante no centro dos estudos da linguagem e que vê na capacidade loquens do homem a fonte de um saber de natureza linguística” (Flores, 2019, p. 246). A teorização sobre a centralidade do falante e sua produção de um saber sobre a língua é um passo importante cujas repercussões no campo estão por ser avaliadas. Como você compreende a nova perspectiva científica aberta por essa proposição? Qual é o seu alcance? Quais foram e quais podem ser os seus efeitos?

A antropologia da enunciação é um ponto de chegada. Hoje vejo que tudo o que estudei em termos de linguagem convergiu para a proposição de uma linguística como reflexão antropológica. Quando falo em “tudo”, incluo aí não apenas o campo da linguística *stricto sensu*, mas outros também, que, por mais heterogêneos que possam parecer (aos olhos de um linguista, ao menos) quando enumerados, constituem, para mim, um conjunto de referências, algumas mais e outras menos explícitas.

Falo principalmente na psicanálise freudo-lacanianana que me acompanha desde o início de minha formação (e não apenas como linguista); na filosofia, em especial a hermenêutica de Paul Ricoeur, a política e a ética de Giorgio Agamben, a antropologia como filosofia primeira de Kant, a antropologia filosófica de Humboldt; na antropologia, em algumas de suas vertentes, em especial a antropologia hermenêutica (também chamada de interpretativa) de Clifford Geertz; nos estudos da tradução, com destaque para as obras de Steiner e de Meschonnic. Todos esses autores (e outros como Ernest Cassirer, Dany-Robert Dufour, Carlo Ginzburg, Tzvetan Todorov, Denis Thouard, Paul Zunthor, entre outros) – digamos, exteriores à linguística – serviram (e servem), no meu caso, para inspirar a linguística.

Do ponto de vista estritamente linguístico, a antropologia da enunciação também é ponto de chegada do conjunto de pesquisas feitas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, a partir das teorias de Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, Roman Jakobson e, mais recentemente, Jean-Claude Milner.

Esses trabalhos deram origem à antropologia da enunciação, um construto teórico-metodológico a partir do qual estudam-se fenômenos linguísticos (tradução, aprendizagem de línguas, aquisição da linguagem, distúrbios de linguagem etc.), levando-se em conta a *experiência* (apresentada em comentários, relatos, narrativas etc.) que o falante tem desses fenômenos.

Em outras palavras, as pesquisas indicaram que abordar a *experiência* que o falante tem de sua condição de falante – o que é de ordem enunciativa, portanto – é uma maneira de circunscrever um saber sobre a natureza humana de falante – o que é de ordem antropológica, portanto. Assim, a matéria da linguística como reflexão antropológica é a hermenêutica natural (o *comentário*) que cada um produz, acerca da sua condição de falante, ao experienciar fenômenos em que ele está implicado como falante.

Por exemplo, ao falar de sua experiência com um dado distúrbio de linguagem (ou com a tradução, ou com a aprendizagem de uma segunda língua etc.), o falante produz um *comentário* (um *contorno de sentido*) cujo objeto é a sua relação com a língua, o que diz respeito à propriedade metalinguística. Esse *comentário metalinguístico* que *contorna um sentido* é, para mim, a categoria

que dá acesso ao estudo antropológico-enunciativo, uma vez que situa um saber acerca do falante em relação à sua condição de falante.

Essa *experiência* do falante de sua condição de falante pode ser sintetizada na expressão “a língua no homem”, uma inversão consciente que fiz do título dado pelo linguista Émile Benveniste à quinta parte de seus *Problemas de linguística geral*, “o homem na língua”. Com isso, considero que tomar grandes fenômenos de linguagem, a partir da consideração da *experiência* que o falante tem desses fenômenos, atesta o modo como a língua está presente constitutivamente nele.

Nesse sentido, o princípio da “língua no homem” conduz a uma antropologia implícita, à qual se tem acesso através da *experiência* que o falante tem de sua condição de falante, o que me leva a considerar que o falante é uma espécie de etnógrafo de sua própria vivência de falante, uma vez que ele, constantemente, tematiza, através dessa “etnografia natural”, a sua posição frente o fato de a língua ser-lhe constitutiva.

Por certo que tenho consciência da complexidade do que tenho apresentado e sei da dificuldade que uma proposta como essa pode enfrentar para ser operacionalizada no âmbito da linguística. Por ora, no entanto, é-me suficiente que se tenha em mente que noções como *falante*, *experiência*, *comentário*, *hermenêutica natural*, *saber metalinguístico* e *contorno de sentido* são alguns dos termos que integram a antropologia da enunciação.

A centralidade do ser falante, do *homo loquens*, nessa proposta é algo a ser levado em conta. Essa ideia vem da distinção elaborada por Milner entre *factum loquendi* e *factum grammaticae*. Para ele, o primeiro diz respeito à pura existência da linguagem e dos falantes, o que é um objeto filosófico; o segundo, à construção da “gramática”, o que é um objeto linguístico. Na interpretação que faço dessa distinção milneriana, o *factum loquendi* incide no *factum grammaticae*; quer dizer, a filosofia emerge na linguística; ou, ainda, o *factum loquendi* se marca no *factum grammaticae*, e isso pode ser contemplado desde que se coloque a experiência do falante de sua condição de falante no centro da discussão. Quando o falante fala de si, ele implica a propriedade *loquens* na “gramática” da língua.

Ao fazer essa proposição teórica, eu não tenho a menor pretensão de erigir um novo campo científico, nem mesmo espero que ela possa encontrar abrigo no interior de um discurso científico minimamente aceitável. Minha intenção é bem mais modesta: chamar a atenção para o fato de que há ser falante, o que deveria ser uma evidência em linguística (mas não é!).

Nesse ponto, valho-me de uma formulação da grande linguista francesa Claudine Normand, com quem estudei durante muitos anos. Em 2002, ela publicou um lindo livro, intitulado *Bouts, brins, bribes. Petite Grammaire du quotidien* [Pedaços, partes, fragmentos. Pequena gramática do cotidiano]. Nessa obra, Normand faz, para dizer o mínimo, análises luminosas da língua francesa, mas sem explicitar propriamente a construção de um método formal. Em 2006, em um livro claramente confessional, *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique* [Allegro ma non troppo. Convite à linguística], ela nomeia sua linguística de “linguistique douce”, uma espécie de “linguística suave” (em tradução livre), dando relevo ao que *essa prática tem de inofensiva, sem ser completamente ineficaz no que ela pretende produzir*. Nesse sentido, também eu espero que a antropologia da enunciação seja uma prática inofensiva sem que seja inteiramente ineficaz.

Espero também que estudos venham se juntar aos que apresentei em *Problemas gerais de linguística*: estudos que coloquem o ser falante no centro da reflexão, que se detenham na etnografia de si que cada falante faz ao comentar sua experiência de falante.

4. Tanto na obra “*Problemas gerais de linguística*” (2019) quanto em seu artigo “*O universal e o particular na linguística geral de Benveniste*” (2020), fica assinalado o potencial da categoria de pessoa para estabelecer uma perspectiva antropológica de linguagem, seja por sua presença constante na obra do linguista, seja por seu potencial transversal a diversas problemáticas, como a linguística, a histórica, a antropológica, a psicanalítica, a social, entre outras (cf. Flores, 2020, p. 590). É possível dizer que a tarefa da Linguística do século XXI é buscar uma perspectiva integrada e transversal às ditas “*ciências humanas*”?

Essa questão é realmente difícil de responder. Vou começar falando sobre a categoria de pessoa na obra de Benveniste. Eu entendo que, quando Benveniste a formulou, ele apresentou à linguística algo que é, para usar as palavras de D-R Dufour, *digno de Galileu*. A proposição benvenistiana tem alcance ainda não devidamente dimensionado. Em sua perspectiva, todas as línguas devem possuir um “lugar” (uma categoria) para que os falantes possam “entrar” nelas, apropriar-se delas para, enfim, falá-las. Esse “lugar”, sendo uma propriedade das línguas, é também uma propriedade da linguagem, quer dizer, da faculdade simbólica do homem. A categoria de pessoa é, então, universal, já que uma propriedade da linguagem; particular, já que uma propriedade que se realiza de modo específico nas línguas; individual, já que permite que o falante se inscreva numa dada língua e a fale como “sua”. A categoria de pessoa tem, assim, a envergadura de um universal antropológico, na medida em que ela coloca à mostra um universal do ser humano, que ressalta o caráter reflexivo (e mesmo autorreflexivo) da compreensão do humano. Isso não é pouco.

Dizer “eu” nada mais é do que o colocar a língua em relação autorreferencial. Isso significa que o falante não fala de algo, mas de si mesmo, e isso na justa medida em que atribui a si um lugar de falante. Benveniste mostra, assim, que a presença do falante na(s) língua(s) e na linguagem se dá objetivamente no âmbito linguístico, numa categoria na qual encontram lugar todos os falantes do mundo ao dizer “eu”, cada um singularizando-se a si próprio e, relacionando-se com o outro, singularizando-o como um outro que também diz “eu”. Essa referência-autorreferência é linguística e torna o mundo todo linguístico, já que habitado por seres falantes cuja posição na linguagem é reciprocamente autorreferencial. Disso, conclui-se que a singularidade de dizer “eu” está ligada à universalidade da categoria de pessoa e às particulares realizações dessa categoria nas línguas.

Agora, não sei se, partindo do que diz Benveniste acerca da categoria de pessoa e, na interpretação que faço, de sua universalidade antropológica, podemos chegar à conclusão de que a tarefa da linguística do século XXI é buscar integração e transversalidade às ciências humanas. Minha dúvida diz respeito exatamente à unicidade que a expressão “a linguística” evoca. Tenho dúvidas em relação à existência dessa linguística una! Tenho preferido, ultimamente, falar em linguísticas no plural, para designar o campo que antigamente tínhamos convicção de que era uno. Há muitas linguísticas hoje em dia: aquelas que se aproximam mais de paradigmas históricos,

sociais, culturais; aquelas que se aproximam das ciências cognitivas, das neurociências, das ciências biológicas; aquelas que se aproximam das ciências da informação, da computação; entre outros.

Em um texto que escrevi com Gabriel Othero – “Várias linguísticas, *uma* epistemologia da linguística” – e que integra uma coletânea (*A linguística hoje*) que organizamos com o objetivo de mapear as múltiplas faces da(s) linguística(s) na contemporaneidade, problematizamos: quantas teorias existem? Quantos métodos? Quantas escolas de pensamento? Quantos autores? Quantas interfaces disciplinares são possíveis? Que objetos circunscrevem para os estudos que fazem? Há algo que permite unificar a linguística de forma que o uso do artigo definido “a” assinale tratar-se, efetivamente, de uma expressão referencial definida?

Dito de outra maneira, há muitas linguísticas e com muitos propósitos. Isso não impede de se pensar em algumas tarefas que a contemporaneidade espera ver executadas pela(s) linguística(s). A primeira delas, sem dúvida, é rechaçar o isolamento disciplinar, o que implicaria estabelecer – e manter – algum laço social.

Ora, basta olharmos para a cena intelectual da linguística como disciplina, na contemporaneidade, para vermos que a fragmentação é a marca do campo. Essa fragmentação produziu uma linguística que está, cada vez mais, fechada numa tecnicidade, sem produzir uma via comum de debate coletivo que possa interessar ao campo das ciências em geral.

Sem dúvida, o que a pesquisa linguística ganhou em rigor teórico-metodológico ela perdeu em formação de laço social. A sociedade não participa do debate que a linguística tem produzido; as outras áreas das ciências – humanas, sociais, físicas, biológicas etc. – também não. Os laços sociais que a linguística poderia estabelecer seriam necessariamente construídos a partir dos discursos produzidos na relação da linguística com o que não é linguística. Somente esses discursos poderiam estruturar os elos sociais que a linguística poderia ter.

5. Você se dedicou, em “A ética do linguista”, a perseguir as proposições de Benveniste em torno da axiologia da linguagem e do papel do linguista diante da ética de sua prática científica. Sua avaliação, no texto, é a de que uma das consequências da “recusa de intervenção do linguista sobre a realidade estudada” é “a ausência do linguista da discussão de vários temas políticos e sociais sobre os quais a linguística poderia ter muito a dizer” (Flores, 2021, p. 148). Qual é, em sua opinião, o papel da ética no fazer do linguista? Como você avalia as contribuições dessa reflexão para a linguística e para as demandas do tempo e da sociedade atuais?

Esse tema é muito interessante e deveria chamar mais a atenção dos linguistas. São poucos os que se dedicam a refletir sobre a ética do linguista. Com isso, quero dizer que não se trata de pensar sobre a ética da ciência em geral – nesse ponto, a linguística está em pé de igualdade com qualquer outra disciplina –, mas sobre a prática da linguística, ou ainda, sobre a relação entre a teoria linguística e as práticas do linguista no interior da linguística.

Eu fui levado a trabalhar o tema por dois motivos: inicialmente, eu já conhecia a discussão feita por Sylvan Aurox e a considerava verdadeiramente original; em seguida, acho que entre os anos 2011-2012, apresentei o tema em um pequeno evento promovido pela Clínica de Atendimento

Psicológico da UFRGS. Porém, foi quando participei da organização e da tradução do livro de Irène Fenoglio no Brasil (*Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*, 2019) e me deparei com as notas de Benveniste sobre o tema que me decidi escrever a respeito, de forma a sugerir um debate que é ainda incipiente no Brasil. Creio que apenas o livro de Kanavillil Rajagopalan (*Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*) enfrenta o tema de maneira direta, embora em outra perspectiva. Mais recentemente, há a tradução da obra de Marie-Anne Paveau (*Linguagem e moral. Uma ética das virtudes discursivas*), também em uma perspectiva distinta da que sugiro a partir de Benveniste.

Enfim, creio que o papel da ética no fazer do linguista tem a ver com dois pontos.

O primeiro diz respeito ao fato de que é inegável que acumulamos um conjunto de conhecimentos que são partilhados por todos os que se dizem “linguistas”. Dito de outro modo: podemos até não saber tudo o que faz um linguista, mas sabemos o que ele não deve fazer para ser aceito no interior do campo. Dessa maneira, acho exequível um projeto que traga à luz a matéria considerada consensual no campo, ao menos em suas grandes linhas. E isso pode ser feito de maneira, inclusive, a contemplar a heterogeneidade da linguística. Por exemplo, sabemos que a linguística não é prescritiva, mas também sabemos que não há apenas uma maneira de ela não ser prescritiva. Há linguísticas descritivas, explicativas e assim por diante. Ora, se há consenso na negação da prescrição, isso deve funcionar mais como o princípio norteador de um fazer ético e menos como um dogma.

O segundo – e, para mim, o mais importante – tem relação com o que falei antes sobre a questão do laço social. Isso já está anunciado por Saussure em seu *Curso*, quando, ao definir as tarefas da linguística, acaba definindo uma tarefa do linguista, qual seja, a de denunciar, dissipar preconceitos, ideias absurdas, miragens e ficções relacionados à linguagem humana.

O linguista não pode se furtar à intervenção social a partir do conhecimento que produz. Nessa direção, iniciativas como a de meu colega Gabriel Othero, que publicou anos atrás um pequeno livro (*Mitos de linguagem*) que busca desfazer preconceitos e ideias descabidas sobre a linguagem humana são bem-vindas. Recentemente, li o *Pequeno tratado sobre a linguagem humana* de David Crystal, que vai na mesma direção. Creio que o trabalho que organizei com Gabriel Othero, *O que sabemos sobre a linguagem*, também busca um público de não especialistas para dialogar.

Ainda dentro desse segundo ponto, gostaria de destacar que a atuação do linguista está ligada também a sua prática cidadã. Nessa direção, lembro do livro organizado por Djane Antonucci Correa, *A relevância social da linguística*, no qual grandes especialistas do tema falam sobre a necessidade de o linguista estar atento a essa prática.

O fato é que sempre me causou espécie que o gramático fosse tão solicitado a opinar sobre determinados fenômenos linguísticos, em programas de televisão e de rádio ou em colunas de jornais e revistas, e que o linguista fosse tão ignorado pelos formadores de opinião. É claro que essa atitude de recorrer ao gramático em detrimento do linguista também está ligada a outros aspectos da nossa sociedade, entres os quais está a falsa impressão de que devemos “preservar a língua” de supostas distorções operadas pelos falantes. No entanto, não podemos ignorar também que o linguista precisa se fazer mais presente nos debates (seja em veículos públicos, seja em escolas ou em outras instituições).

6. *Embora a reflexão sobre Saussure e Benveniste pareça ser o ponto central de seus interesses, a sua trajetória acadêmica é bastante diversa. Em especial, nos últimos anos, observamos certa expansão da sua atuação: para além da docência e da pesquisa, você tem se dedicado a muitas outras tarefas, como a tradução de obras de referência para o campo (por exemplo, Últimas aulas no Collège de France: 1968 e 1969, de Émile Benveniste; Introdução a uma ciência da linguagem, de Jean-Claude Milner; Saussure e a Escola de Genebra, vários autores), a escrita e a organização de livros de linguística de caráter mais geral (como “Problemas gerais de linguística”; “Conceitos básicos de linguística: sistemas conceituais”; “Conceitos básicos de linguística: noções gerais”; “O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana”; além da reedição comentada de “História da linguística”, de Joaquim Mattoso Camara Jr.) e a editoria da Editora da Abralín, projeto de grande relevância no país, iniciado em 2020, que tem permitido acesso livre a material qualificado de Linguística em formato e-book. A propósito de sua multiplicidade de interesses e trabalhos no campo dos estudos da linguagem, lembramo-nos de Roman Jakobson (2005, p. 34), quando, em seu texto sobre a linguagem e as afasias, afirma que a linguística – e, por óbvio, o linguista – “interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos”. Como o senhor analisa esse movimento de ampliação em sua atuação profissional? De que maneira a diversificação de modos e de postos de observação da linguagem pode contribuir para as teorizações linguísticas em geral, mas sobretudo para as suas próprias reflexões teóricas?*

Sim. Jakobson é uma grande inspiração. Vocês fazem a referência certa para lembrar a diversidade de minha atuação. Sempre digo que sou “jakobsoniano” de coração, embora, é bem verdade, Saussure e Benveniste tenham dirigido meu trabalho, em sentido estrito.

A minha atuação em tantos e tão díspares campos – da linguística e fora dela – me soa como natural e, creio, está marcada desde o início de meu trabalho como linguista. Lembro, por volta dos anos 1990, de meus trabalhos sobre as psicoses a partir da psicanálise lacaniana (os livros *Linguística e psicanálise* e *Aventuras do sentido* são exemplos disso); em seguida, os trabalhos sobre os distúrbios de linguagem (escrevi em coautoria uma *Introdução aos estudos sobre afasia de Roman Jakobson* e, recentemente, publiquei, juntamente com meu colega Jefferson Lopes Cardoso, *Estudos da linguagem e clínica dos distúrbios de linguagem*); mais recentemente, a tradução (como prática, lembrada por vocês na pergunta acima, mas também como teoria, em *Saussure e a tradução*, de 2021); é desse tempo também a preocupação com o ensino da língua (como em *Enunciação e gramática*, também em coautoria); há outros trabalhos que poderiam ser listados.

O fato é que acredito que o linguista nunca pode deixar de ser um linguista geral. Eu tenho feito um esforço, inclusive, para reabilitar entre nós a expressão “linguística geral”, seja escrevendo sobre o tema, seja em conferências e palestras. Com isso, quero dizer que não acredito na especialização do conhecimento sem que ela esteja articulada a algo mais amplo. Eu sou, por certo, um especialista em linguística da enunciação – muitos dos trabalhos que fiz e faço estão circunscritos a essa área da linguística –, mas não deixo de ser um linguista geral também. Afinal, as questões que tocam o fazer do linguista da enunciação têm repercussão na linguística geral:

universais/particulares; natureza/cultura; tipologia linguística; contexto/contexto, pensamento/linguagem; a diversidade das línguas e muitos outros.

Vou dar um exemplo: a enunciação é uma categoria, se quisermos usar um termo técnico, que é, simultaneamente, geral e específica, universal e particular. Ela pertence a todas as línguas e a cada uma em particular; ela está disponível para todos os falantes e para cada um individualmente. Não há língua no mundo que não tenha de ser convertida em discurso para existir – esta é uma propriedade das línguas que integra a linguagem –, o que implica aceitar que não há língua no mundo que se configure como tal sem o aparato da enunciação.

Em outras palavras, a enunciação compreende, de um lado, linguagem, de outro, as línguas, e de outro, ainda, o falante. Logo, é um problema de linguística geral ao mesmo tempo em que é um problema de linguística da enunciação.

É nesse sentido que vejo que um linguista não pode deixar de ser geral só porque tem uma especialidade. Cada teoria linguística, cada modelo formulado, cada hipótese tem (ou deveria ter), na verdade, uma dimensão que vai para além do que explicitamente apresenta, pois se trata sempre da linguagem humana. Como seria diferente?

Além desse primeiro aspecto – o de que vejo a especificidades da(s) linguística(s) articulada a uma dimensão geral, de linguística geral –, há um outro que toca nessa multiplicidade de interesses que minha atuação revela: a minha convicção de que não há a menor possibilidade de o fenômeno da linguagem humana ser descrito ou explicado apenas de um ponto de vista. Essa é uma crença que tenho. Portanto, é muito natural, para mim, que o linguista tenha interesses múltiplos. É verdade que ele não atuará com igual profundidade em todos os campos, mas é salutar que se reserve um espaço, na discussão acadêmica e científica, para que o outro nos diga alguma coisa. É assim que vejo essa questão: ela também implica uma ética do fazer do linguista, em minha opinião.

7. Em 2016, você ministrou uma série de conferências na École Normale Supérieure, no laboratório de linguística do Institut de Textes et Manuscrits Modernes (ITEM), a convite da coordenadora do laboratório, a professora Irène Fenoglio. Essas conferências versaram sobre a recepção de Saussure e Benveniste no Brasil. No seminário do laboratório do ano de 2017, Fenoglio fez memória às suas conferências, afirmando que Valdir Flores é incontornável para todo aquele que pretende se dedicar a pesquisar Saussure e Benveniste. Você é, incontestavelmente, uma referência nesses estudos. Nesse sentido, gostaríamos de saber como você enxerga o contexto atual e as perspectivas das pesquisas acerca das obras de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste. Que caminhos e possibilidades de pesquisa você considera importantes e necessários para pesquisadores interessados nas reflexões desses autores? Quais sugestões você daria para aqueles que desejam iniciar no campo?

A situação não é a mesma para Saussure e para Benveniste, nem no Brasil, nem no mundo. Vou começar falando um pouco sobre Saussure.

O trabalho de pesquisa em torno do pensamento saussuriano é, hoje em dia, vasto, muito especializado e com diferentes vertentes interpretativas, nem sempre convergentes. E isso é muito bom!

A pesquisa saussuriana internacional manteve-se ativa ao longo do século XX, em função, inicialmente, dos trabalhos exegéticos de Robert Godel, Tullio De Mauro e Rudolf Engler e da constante descoberta de manuscritos, mas também em função da consolidação do *Círculo Ferdinand de Saussure* e da revista *Cahiers Ferdinand de Saussure*, dos inúmeros intérpretes da obra, dos biógrafos do autor etc. Além disso, Saussure ocupa um lugar simbólico importante: ele é considerado o fundador da linguística moderna. Não à toa é comum dividirmos a história linguística em pré e pós-saussuriana. Ele é realmente um divisor de águas.

Tudo isso impulsionou a pesquisa saussuriana em múltiplas direções. Nas conferências referidas por vocês na pergunta, eu tentei contar a história da recepção de Saussure apenas no Brasil, fazendo, além disso, a ressalva de que contaria a “minha” história, sem comprometimento com alguma versão oficial dos fatos.

E por que fiz essa ressalva? Primeiramente, porque não acredito em narrativas históricas que não sejam feitas sempre a partir de um ponto de vista, de uma experiência, de um olhar sobre o conjunto de uma dada realidade, o que já é determinante de inclusões e exclusões; em seguida, porque quis registrar argumentativamente a maneira como testemunhei a presença de Saussure no Brasil. Sei que há quem considere a minha narrativa parcial (qual não é?) ou que eu teria dado mais ênfase para alguns dados do que para outros. Nada disso me espanta.

Quando aceitei a proposta de Irène Fenoglio, sabia que isso poderia ocorrer. E ainda defendo o que ali apresentei: as ideias de Saussure não fizeram parte – ao menos não de forma determinante – do surgimento da linguística no Brasil, motivo pelo qual sempre entendi que a explicação para a recepção de Saussure nos países francófonos não se aplicava ao contexto brasileiro. O Saussure de hoje é muito mais forte no Brasil do que o Saussure de ontem (entre os anos 1950 e 1990), e isso se deve a uma espécie de “contaminação” que sofremos dos estudos em torno dos manuscritos, que culminou, entre nós, com a tradução dos *Escritos de linguística geral*. Isso não significa – e deixei bem claro em minhas conferências – que não existissem desde sempre colegas brasileiros interessados em Saussure. O próprio “Prefácio à edição brasileira” do *Curso de linguística geral*, escrito por Isaac Nicolau Salum, testemunha um grande conhecimento da obra saussuriana e da fortuna crítica em torno dela. Mas, repito, ações isoladas não configuram uma *recepção* institucional no âmbito de uma configuração histórico-disciplinar. Hoje em dia, Saussure está mais presente do que nunca na universidade brasileira, e de um jeito singular: faz-se pesquisa em Saussure, o que é muito diferente do que tratá-lo como um ponto da história apenas.

Sobre essa pesquisa eu penso que ela adquiriu muitas especificidades – em especial no Brasil: é de natureza fortemente epistemológica; às vezes, histórica. Enfocam-se aspectos conceituais, historiográficos, da recepção. Creio que há também uma clara atitude prospectiva, hoje em dia (mais do que em um passado recente), ou seja, busca-se ir, com Saussure, além de Saussure, o que só mostra a potencialidade do trabalho que é feito.

Já com Benveniste as coisas são um pouco diferentes. Em primeiro lugar, Benveniste nunca teve a rede institucional (*Círculo, revistas* etc.) que teve Saussure. Sua notoriedade vem de – a exemplo de Saussure – sua erudição, mas sem, digamos, um apoio institucional sólido. E, creio, é assim tanto no Brasil quanto na França (e países de língua francesa). Além disso, a teoria da linguagem

de Benveniste, durante muitos anos, ficou circunscrita à chamada teoria da enunciação, o que acabou, metonimicamente identificando Benveniste somente à enunciação. No Brasil, acresce-se o fato de que Benveniste foi recebido “de segunda mão”, como costume dizer, quer dizer, entre os anos 1970-1990, lemos Benveniste no interior de outros campos, como a análise do discurso, a linguística do texto e a pragmática. A leitura *per se* de Benveniste, ao menos no Brasil, terá lugar mais definido apenas no início dos anos 2000.

A pesquisa em torno de Benveniste hoje é bastante interessante, tanto na França como no Brasil. Mas eu ousaria dizer que no Brasil ela tem comparativamente algumas peculiaridades que a singularizam. Explico-me.

De um lado, Benveniste está solidamente incorporado à instituição universitária brasileira: há linhas de pesquisa em programas de pós-graduação, há teses, dissertações, pesquisa em geral, eventos científicos etc. Isso revela um considerável fôlego acadêmico. De outro lado, a teoria da linguagem de Benveniste tem sido objeto de publicações, em revistas, livros, compilações, traduções etc. Tudo isso leva-me a crer que o trabalho em torno de Benveniste está mais capilarizado no contexto institucional brasileiro, comparando-se com outros contextos.

Nas conferências que ministrei no Institut de Textes et Manuscrits Modernes (ITEM-ENS), busquei traçar um pouco da história de Benveniste no Brasil, situando-a em dois momentos: o primeiro até os anos 1990; o segundo até nossos dias, no interior desse situei três eixos de reflexão (linguística da enunciação, teoria da linguagem, hermenêutica da teoria). Evidentemente, volto a dizer, trata-se de uma maneira própria de ver isso. Outros, certamente, contariam outra história.

Por fim, com relação aos caminhos que se delineiam a partir do que foi feito tanto com Saussure quanto com Benveniste no Brasil, eu penso que a pesquisa brasileira é próspera em ambos os autores. Há hoje uma realidade muito distinta do que havia vinte anos atrás, por exemplo. Entre as necessidades que vejo, porém, de maior desenvolvimento, ainda está o que disse por ocasião das Conferências no ITEM: tanto em Saussure como em Benveniste vejo que há espaço para que se definam prospecções *stricto e lato sensu*. Quer dizer, sinto falta de trabalhos que busquem delinear melhor os efeitos dessas teorizações sobre a análise linguística em si.

Gostaria de me deter um pouquinho neste tema para tentar evitar alguma interpretação muito distinta da ideia que quero defender aqui: não se trata de querer que simplesmente se “apliquem” Saussure ou Benveniste. Creio que uma aplicação direta de seus estudos facilmente incorreria em algum contrassenso. A minha ideia é mais simples: eu entendo que é possível fazer novas análises linguísticas levando-se em conta os efeitos que a leitura desses autores pode produzir em cada linguista na atualidade. Vou exemplificar.

Lembro de ter lido, muitos anos atrás, um texto da grande linguista Claudine Normand, intitulado “Alguns efeitos da teoria semântica saussuriana sobre uma descrição semântica”. Esse texto, anos depois, veio a integrar a coletânea brasileira de Normand que a Professora Leci Borges Barbisan e eu organizamos (cf. *Convite à linguística*). Ora, o título do artigo de Normand é de uma clareza ímpar: a teoria de Saussure produz efeitos (acho que isso se estende a Benveniste também, sem dúvida). Claudine Normand explica nesse texto que sua intenção não é elaborar um método

de análise semântica a partir de Saussure, mas mostrar a relação que há entre a leitura que ela faz de Saussure e as descrições semânticas por ela produzidas. Excelente isso!

Dito de outro modo, estudamos Saussure e Benveniste por anos, analisamos em detalhe seus termos e conceitos, avaliamos os trabalhos que fizeram, logo, temos opinião sobre esses trabalhos, temos uma interpretação dessas teorias. Ora, parece-me natural que tantos anos de estudos teóricos conduzam a alguma análise linguística. Será que tantos estudos teóricos e epistemológicos desses autores não são suficientes para a proposição de métodos (uso a palavra aqui propositadamente) próprios? É isso que gostaria de ver mais delineado na linguística brasileira.

Embora não possa generalizar (sempre há exceções), o máximo que vejo em muitos casos é um acanhado desejo que se manifesta em expressões do tipo “fiz um deslocamento de Saussure para analisar X” ou “desloquei a teoria de Benveniste para estudar Y”. Essas formulações pecam, para mim, em duas direções: de um lado, supõem que, quando se faz um “mero deslocamento” de uma teoria para tratar o que não foi inicialmente pensado por ela, a teoria continua sendo a mesma (o que, em minha opinião, não acontece); de outro, levam a pensar que esses “deslocamentos” seriam, efetivamente, admitidos pelos autores, caso estivessem frente aos mesmos dados (o que, convenhamos, seria impossível confirmar).

Tenho incentivado muito meus alunos, colegas, interlocutores em geral, a fazerem um “deslocamento” em suas trajetórias; incentivo-os a partirem dos grandes mestres, mas com olhos em um horizonte próprio. É o que tenho buscado fazer. Muito obrigado!

Referências

FLORES, Valdir do Nascimento. A ética do linguista. In: SILVA FILHO, Jomsom Teixeira da (Org.). **(Re)leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Disponível em <https://abre.ai/f0GS>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. O universal e o particular na linguística geral de Benveniste. **Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 3, p. 583-593, jul.-set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15210/rle.v23i3.17787>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/17787>. Acesso em: 13 abr. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, p. 34-62, 2005.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. **Letras**, n. 33, p. 13-21, 2006. DOI: 10.5902/2176148511920. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11920>. Acesso em: 13 abr. 2023.